

VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações



Organizadores

Stephen Grant Baines

Cristhian Teófilo da Silva

David Ivan Rezende Fleischer

Rodrigo Paranhos Faleiro



VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações

Ministério do Meio Ambiente
Izabella Teixeira

**Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos
Recursos Naturais Renováveis**
Curt Trennepohl

Diretoria de Planejamento, Administração e Logística
Edmundo Soares do Nascimento Filho

Centro Nacional de Informação Ambiental
Jorditânea Souto



VARIAÇÕES INTERÉTNICAS

etnicidade, conflito e transformações

Organizadores

Stephen Grant Baines
Cristhian Teófilo da Silva
David Ivan Rezende Fleischer
Rodrigo Paranhos Faleiro

Brasília, 2012

EDIÇÃO

Universidade de Brasília – UnB
Instituto Internacional de Educação do Brasil – IEB
Centro de Pesquisa e Pós-Graduação Sobre as Américas – CEPAC
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos
Naturais Renováveis – Ibama

Produção Editorial

Centro Nacional de Informação Ambiental – Cnia

SCEN - Trecho 2 - Bloco C - Edifício-Sede do Ibama
CEP 70818-900, Brasília, DF - Brasil
Telefones: (61) 3316-1225/3316-1294
Fax: (61) 3307-1987
<http://www.ibama.gov.br>
e-mail: editora@ibama.gov.br

Equipe Técnica

Capa e diagramação

Paulo Luna

Normalização bibliográfica

Helionídia C. Oliveira

Revisão

Maria José Teixeira

Enrique Calaf

Vitória Adail Brito

Catálogo na Fonte

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

V299 *Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações – Stephen Grant Baines...[et al.]. Organizadores. – Brasília: Ibama; UnB/Ceppac; IEB, 2012. 560 p. : il, color. ; 21 cm*

ISBN 978-85-7300-362-8

1. Etnia. 2. Índio. 3. Recursos naturais. 4. Desenvolvimento sustentável. I. Baines, Stephen Grant. II. Silva, Cristhian Teófilo da. III. Fleischer, David Ivan. IV. Faleiro, Rodrigo Paranhos. V. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. VII. Cnia. VIII. IEB. IX. UnB. X. Título.

CDU(2.ed.)502.175(047)



Atribuição-Uso não-comercial-Compartilhamento pela mesma licença
CC BY-NC-SA

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Agradecemos

*À Jorditânea Souto,
ao Paulo Luna e à equipe
do setor de editoração do Ibama,
ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Comparados sobre as Américas
do CEPPAC/UnB
e à Maria José Gontijo
do Instituto Internacional de
Educação do Brasil.*

Sumário

Apresentação 11

Introdução 13

Primeira variação: identidade, movimento e territorialização

Capítulo 1 Contatos interétnicos em regiões de fronteiras:
a visão dos Ticuna e dos Galibi do Oiapoque. 19
Claudia López Garcés

Capítulo 2 Memória, identidade e território dos Arara:
uma análise a partir do contexto de identificação da Terra
Indígena Arara do Igarapé Humaitá/AC, Brasil. 43
Cloude de Souza Correia

Capítulo 3 Os Laklãñõ na região do Alto Vale do Itajaí, estado de Santa
Catarina, Brasil. 59
Alexandro Machado Namem

Capítulo 4 Wyty-Catê: cultura e política de um movimento
Pan-Timbira. 97
Jaime Garcia Siqueira

Capítulo 5 Uma aventura entre a cruz e a espada que mudou a história:
20 anos de luta indígena no Rio Negro. 129
Gersem José Santos Luciano

Segunda variação: desenvolvimento e meio ambiente

Capítulo 6 A natureza dos povos indígenas e os povos indígenas e a
natureza: novos paradigmas, desenvolvimento sustentável e a
política do bom selvagem. 165
Thiago Ávila (in memoriam)

Capítulo 7	Trocando vitalidade: um exemplo de manejo ecológico no noroeste amazônico. 177 <i>Luis Cayón</i>
Capítulo 8	Ecoturismo e conservação no litoral norte da Bahia: um olhar sobre a interação entre cientistas conservacionistas e a comunidade costeira. 205 <i>David Ivan Fleischer</i>
Capítulo 9	Os Tremembé do litoral nordestino e um empreendimento turístico internacional. 229 <i>Isis Maria Cunha Lustosa e Stephen G. Baines</i>
Capítulo 10	São Thomé das Letras e São Jorge: gênese, conflito e identidade na constituição dos atrativos para um mercado turístico. 247 <i>David Ivan Fleischer e Rodrigo Paranhos Faleiro</i>
Capítulo 11	Dois conceitos articuladores no contexto indigenista de Roraima: projeto e desenvolvimento.283 <i>Maxim Repetto</i>
Terceira variação: conflitos, direitos e Estado	
Capítulo 12	Náwa, índios ou ribeirinhos? Quando os órgãos públicos entram em conflito. 321 <i>Rodrigo Paranhos Faleiro</i>
Capítulo 13	Conflito socioambiental sobre a gestão dos recursos naturais e simbólicos do território do Monte Pascoal e seu entorno. 339 <i>Luis Guilherme Resende de Assis</i>
Capítulo 14	Projeto de mineração do São Francisco e da Terra Indígena Araré/MT: um caso de negação ao exercício da governança local 351 <i>Cláudia Tereza Signori Franco</i>
Capítulo 15	A identificação de terras indígenas como objeto de investigação antropológica. 367 <i>Rodrigo Pádua Rodrigues Chaves</i>

Quarta variação: etnicidade, midiaticização e outras metamorfoses

- Capítulo 16 Por uma Antropologia visual das relações interétnicas: impressões sobre a exclusão social e a inclusão da arte indígena em Vancouver, Canadá. 399
Cristhian Teófilo da Silva
- Capítulo 17 Além da técnica: o simbólico nas artes indígenas. 419
Katianne de Sousa Almeida
- Capítulo 18 Um estudo das transformações musicais e festivas entre os Kalunga de Teresina de Goiás, Brasil. 447
Thais Teixeira de Siqueira
- Capítulo 19 Los petroglifos de América del Sur. 467
Santiago Plata Rodríguez
- Capítulo 20 Comentários sobre Yanomamo Series. 479
Maria Inês Smiljanic
- Capítulo 21 Metamorfoses Sanumá e a subjetivação dos objetos. 497
Sílvia Guimarães

Quinta variação: perspectivas extracontinentais

- Capítulo 22 Identidades sociais no Líbano: sectarismo, etnicidade e outras variáveis. 511
Leonardo Schiocchet
- Capítulo 23 De anedotas antropológicas a perspectivas do contato em África: reflexões Herero. 539
Josué Tomasini Castro

Apresentação

Está completando 15 anos que o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri) surgiu, em 1997, a partir de uma conversa entre Maxim Repetto que, à época, estava cursando o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, e Stephen G. Baines, professor do Departamento de Antropologia, que vem coordenando o Grupo desde o início. Nos anos anteriores, organizamos alguns seminários sobre temas relacionados à etnologia indígena com enfoque em relações interétnicas, e com a criação do Geri, sistematizamos reuniões informais em que alunos da pós-graduação e da graduação em Antropologia, professores, indigenistas e outros podiam apresentar suas pesquisas relacionadas a temas de relações interétnicas, no sentido amplo. As reuniões do Geri, que vêm acontecendo de três em três semanas, nas tardes de sextas-feiras, tornaram-se um espaço para discutir pesquisas em andamento, teses de doutorado e dissertações de mestrado e de graduação em fase de elaboração final ou já defendidas, além de trabalhos de indigenistas interessados em compartilhá-los num ambiente acadêmico com a presença de alguns dos alunos mais dedicados do Departamento de Antropologia. As reuniões do Geri representam um espaço para discussões livres de professores e alunos, muitos dos quais trabalham em etnologia indígena, mas não exclusivamente, abrangendo outras pesquisas que lidam com relações interétnicas.

Com a saída de Maxim Repetto para realizar sua pesquisa de campo sobre organizações indígenas e educação superior indígena em Roraima e, posteriormente, para assumir o cargo de professor concursado do Núcleo Insikiran de Formação Superior Indígena na Universidade Federal de Roraima, outros alunos e ex-alunos do Departamento de Antropologia da UnB (DAN) assumiram voluntariamente a organização das reuniões do Geri. Foi criada uma home page no site da UnB com a colaboração de Maxim Repetto e, posteriormente, de Cristhian Teófilo da Silva, então aluno de doutorado do Departamento de Antropologia, depois professor concursado do Ceppac/UnB. Em 2006, o Geri passou a constar como evento de extensão da UnB, atraindo mais alunos e pessoas interessadas.

A partir de 2009, o Geri foi ampliado incluindo o Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre América Latina e Caribe (Ceppac), da UnB, tendo os professores Stephen G. Baines e Cristhian Teófilo da Silva como coordenadores pelo DAN e pelo Ceppac, respectivamente.

Ao completar 10 anos, o Geri e os seus atuais colaboradores Cristhian Teófilo da Silva e Rodrigo Paranhos sugeriram a publicação de um livro que reunisse alguns dos trabalhos apresentados. A resposta nos surpreendeu e muitas pessoas expressaram seu interesse em publicar artigos baseados nas suas apresentações.

A partir de intenso diálogo com os autores, que perdurou 3 anos, os quatro organizadores deste livro prepararam o material que o compõe. Em seguida, ao iniciarem os contatos com possíveis editoras que pudessem editá-lo, foram surpreendidos com a manifestação de interesse de quatro delas. Após quase um ano de negociação com várias editoras interessadas na publicação, o livro foi encaminhado às Edições Ibama, que realizou os serviços de editoração e disponibilizou o livro gratuitamente em seu catálogo virtual. Já a impressão desse livro foi viabilizada graças ao apoio financeiro de coeditores, Instituto Internacional de Educação do Brasil, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do CEPPAC da Universidade de Brasília, Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas e Departamento de Antropologia.

O conjunto de trabalhos disponibilizados neste livro reforça a seriedade de experiências nascidas na informalidade ou no compromisso com um tema. Dividida em cinco partes, a obra contempla com excelência temas e recortes ainda pouco explorados, abrindo espaço para novas discussões e reflexões no campo das relações interétnicas. Com este livro, convidamos os leitores a navegarem por essas páginas em uma singular experimentação de alteridade por meio das relações interétnicas.

QUARTA VARIACÃO

etnicidade, midiatização
e outras metamorfoses



Capítulo 21

Metamorfoses Sanumá e a subjetivação dos objetos

Sílvia Guimarães

Os índios da tribo Sanumá apresentam uma versão acerca da formação do cosmos na qual este se encontra em constante transformação, semelhante às teorias de outros povos indígenas amazônicos (ARHEM 1990; CAYÓN 2001; GONÇALVES 2001; GALLOIS 1988). No caso Sanumá, a ideia de uma cosmologia em transformação baseia-se em eventos míticos que figuram não como pressuposições absolutas, mas construções, criações que, necessariamente, devem ser vivenciadas, experimentadas para que possam ganhar um estatuto narrativo. *Ixivanihiolima* é uma expressão Sanumá utilizada para explicar as transformações ou metamorfoses rápidas, imediatas, pelas quais os seres humanos passaram e se tornaram animais, criaturas *sai töpö*¹, plantas venenosas, cupinzeiros e colmeias. Assim, de acordo com os Sanumá: *Nö pata pö töpö ixivanihiolima* (os ancestrais Sanumá transfiguraram-se). Na expressão *ixivanihiolima*, a partícula *ixivani* significa de maneira confusa, caótica.

Nesse processo de metamorfose, plenamente reconhecido pelos Sanumá, tanto desvios de comportamento quanto modificações na forma corporal transformam a condição do ser. Assim, fugir aos costumes e às maneiras que são socialmente aceitáveis é um passo para se transfigurar em outra criatura e o caminho reverso é difícil de ser alcançado. As transfigurações podem acontecer em todo o corpo do Sanumá ou de suas partes despedaçadas que se espalham e transformam-se em outras criaturas. Caso exemplar desta última situação foi o do Sanumá-canibal que teve seu corpo dividido ao meio e cada parte transformou-se em tipos diferentes de onça. Alguns dos relatos que tratam da origem dos seres no universo Sanumá discutem relações sociais que contradizem a ética Sanumá – por exemplo, manter relações incestuosas, quebrar interdições alimentares etc.–, o que provoca a transformação da pessoa em uma nova criatura. A partir dessas metamorfoses, forma-se uma gradação de seres no cosmos. Além desse matiz de seres, o próprio delineamento de

¹ *Sai töpö* é a denominação de criaturas da floresta que podem ser aliadas ou inimigas dos Sanumá.



territórios, por exemplo, a criação de formações rochosas, está baseada em tais transformações, assim como o surgimento de objetos. Este capítulo pretende discutir a subjetivação dos objetos nesse processo contínuo de transformação de espaço, seres e coisas.

Os Sanumá compõem um dos subgrupos da família linguística Yanomami, que inclui também Yanam, Yanomae e Yanomamö (MIGLIAZZA, 1967). Estão localizados nos dois lados da fronteira entre o Brasil e a Venezuela. No lado brasileiro, os Sanumá são, aproximadamente, 1.500 pessoas distribuídas por 28 comunidades (URIH – Saúde Yanomami, 2003) e na Venezuela, cerca de 2.900 (Sistema Integrado de Indicadores Sociais para Venezuela (Sivo), 2001). O grupo de Auaris, onde foi realizada esta pesquisa, está localizado nas margens do Rio Auaris, afluente do Rio Branco, localizado na margem direita do Rio Negro. Era formado por 214 pessoas divididas em cinco grupos agnáticos, relacionados entre si por consanguinidade e afinidade.

Gradações de seres no cosmos Sanumá e modos de interação: humanidade ampliada

Diante desse movimento transformacional mencionado, podemos afirmar que tudo no cosmos é originário de corpos Sanumá que, por meio de uma série de eventos e da vivência de novas relações sociais, transfiguram-se em diversos seres, grupos inimigos, plantas venenosas e objetos. Assim, o Sanumá que passa a ter hábitos noturnos se transforma em um animal noctívago; o que caminha sozinho pela floresta se transforma em uma criatura *sai de²*; o que quebra o tabu do incesto ou tem relação sexual com a sogra se transforma em uma preguiça. Além das metamorfoses serem acionadas pela experimentação de novos costumes, elas também podem ocorrer pela manipulação do corpo, assim, um sogro com raiva do genro pode raspar suas pernas com um osso, tão veementemente, até afiná-las e transformá-lo em veado, animal com pernas delgadas.

Dessa maneira, acontece a fixação momentânea da forma corporal, base que produz e determina a cosmologia semelhante ao que ocorre com os pirahãs (GONÇALVES, 2001). No caso destes últimos, de acordo com Gonçalves, “o ser está; não é alguma coisa, sempre torna-se ou transforma-se” (op. cit., p. 31). Com os Sanumá, as transgressões ou aceitações de costumes e maneiras produzem ou aprimoram corporalidades ao desencadear as metamorfoses. Esses novos corpos são todos sujeitos, pois não simplesmente existem

² *Sai de* é o singular de *sai töpö*.

como seres ônticos, mas são constituídos por seus atos de apropriação das coisas no mundo, baseados na sua capacidade de refletir e pensar. Assim, até mesmo os animais são categorias ontológicas que se originaram dos Sanumá e experimentam o mundo de maneira refletida. Assim, a humanidade engloba um amplo espectro e refere-se tanto aos Sanumá quanto aos animais e demais criaturas da floresta.

Essa diversidade de seres no cosmos necessitou da criação de regras ou modos de interação para com as novas entidades, pois, por exemplo, uma vez que comer animais é comer humanos, era preciso fazer outra transformação, estabelecer a construção da alteridade e da diferenciação entre humanos e animais. Desse modo, no caso dos animais de caça, surgiu um grande impasse, pois se tratava de um alimento que provinha dos Sanumá e estes temiam comer substâncias que compartilhassem com eles uma mesma essência. *Omanvö* – um dos dois irmãos e heróis criadores e civilizadores do cosmos – teve que retirar a substância letal, ou melhor, a essência que havia nesses animais e que os aproximava dos Sanumá. Assim, quando os Sanumá comessem um animal não estariam agindo como o inimigo, que fica com a barriga cheia de sua vítima, que lhe é letal, e não precisariam seguir o ritual de reclusão do matador. Contudo, mesmo após essa manipulação de *Omanvö*, restaram ainda restrições alimentares a alguns animais, de acordo com a faixa etária da pessoa e do tipo de caça (TAYLOR, 1974), outra força para construir essa diferença entre animal e humano. *Omanvö*, dizem os Sanumá, alertou-os a respeito dessas restrições. Por exemplo, avisou que um rapaz jovem não poderia comer mutum, tatu, tamanduá, entre outros animais, caso contrário, sofreria o ataque do *uku dubu*, duplo ou réplica do animal que é liberado no momento da morte. Um ancião exemplificou essa situação com o seu filho, um *hixa de* (jovem recém-saído da puberdade). Esse rapaz comeu o tatupeba, animal proibido para sua faixa etária, e sofreu o ataque do *uku dubu*, que lhe lançou um veneno. O jovem ficou muito doente. Seus parentes chamaram um xamã para curá-lo.

Portanto, a quebra do sistema Sanumá de proibições alimentares de presas animais é capaz de fazer da pessoa alvo de agressões que podem matá-la (TAYLOR, 1972, 1974). Além disso, transgredir interdições alimentares relacionadas aos animais de caça durante a reclusão, na puberdade, quando se deve seguir um regime alimentar rigoroso, pode provocar a metamorfose do jovem. O caso do menino-morcego é exemplo dessa situação, conforme relatou um jovem Sanumá:

O filho estava em casa passando pelo ritual de puberdade enquanto o pai caçava. Este matou um morcego e levou-o para casa. O pai avisou que o filho não poderia comer o morcego, pois lhe faria mal. No entanto, o filho, quebrando



a regra de silêncio que deveria seguir, chorou e pediu um pouco do morcego. Com a insistência do filho, o pai pensou e achou que um pouco não iria lhe fazer mal. O filho comeu o morcego assado, mas, de repente, começou a voar, transformou-se em um morcego. Voava de um lado para o outro e cada vez mais alto. O rapaz-morcego foi para uma serra bem alta, depois para outra mais alta ainda. O irmão do rapaz-morcego pegou uma zarabatana e soprou uma pequena lança que alcançou seu irmão que caiu no chão, mas, em pouco tempo, alçou voo novamente. Voou muito alto, foi para uma serra distante. No alto daquela serra, tudo é muito tenebroso e feio, ninguém vai até aquele local. Lá, o rapaz virou um morcego grande, virou *heuö* e ficou por lá com os *heuöliue töpö* (os ancestrais do morcego), morando com eles.

Marcus Colchester (1982b, p. 154) observou uma habilidade rara e um poder incomum entre os xamãs Sanumá na Venezuela. Eles evitam as penalidades advindas de comer um animal interdito ao “curar a carne” – o xamã realiza um sopro mágico sobre o alimento, o que retiraria o “espírito” maléfico ou qualquer substância venenosa da carne. Mas os Sanumá de Auaris informaram que tal prática é exclusiva dos xamãs yecuanas. Estudiosos desse povo (BARANDIARAN, 1962; ARVELO-JIMENEZ, 1974) afirmam que o sopro é uma importante técnica mágica. De acordo com Arvelo-Jimenez (1974, p. 166), os yecuanas têm como prática ritual o sopro que expulsa ou repele as forças sobrenaturais que, supostamente, podem estar alojadas em frutas selvagens e na caça. Caso tais alimentos não sejam objeto do sopro ritual, a pessoa pode ficar doente ou sofrer algum infortúnio e morrer. Para os Sanumá de Auaris, que seguem um sistema de proibições alimentares, seus xamãs não são capazes de “curar a carne” e os Sanumá não se arriscariam a comer um animal interdito que passasse por tal processo. “Limpar a carne” de substâncias indevidas é uma ação exclusiva de *Omanö*. Diante dessas transformações que, ao mesmo tempo, diversificam e relacionam os seres do cosmos é necessário especificá-los, momentaneamente, para estabelecer interações, assim a presa animal deve ser minimamente diversa, uma alteração dos Sanumá.

Portanto, nesse complexo sociocosmológico Sanumá, as corporalidades de diversos seres se relacionam e criam outros seres, plantas, acidentes geográficos etc. Nesse contexto, é possível perceber a noção de humanidade ampliada que nos permite rever e romper a grande divisória natureza-cultura, já reformulada por Latour (1994) para os modernos, isto é, o dualismo puro, o grande intervalo definido e inequívoco que se replica em outras oposições, que impõem, obrigatoriamente, a sobreposição de outros níveis: corpo-mente, homem-mulher, civilizado-primitivo. A etnografia Sanumá, a exemplo da de outros povos indígenas, auxilia nesse processo de revisão das fronteiras entre natureza e cultura, e a propor uma nova noção dessa relação, em que

tal dicotomia e sua sobreposição a outros domínios são inaplicáveis. Com essa noção de corporalidade acontecem fixações momentâneas de formas ou corpos, que se transformam e recriam o cosmos e resultam das inter-relações dos seres. Em suma, está baseada na produção criativa de corpos que se alteram, formando, assim, uma gradação de seres. Nesse sentido, é possível afirmar que não há lugar para uma alteridade constrativa, mas para gradações, distâncias, diferenciações, alterações, como afirmou Viveiros de Castro (2002), para outros povos indígenas. Nesse modo processual de diferenciação e produção do cosmos, o mesmo e o outro são menos posições opostas dadas e mais processos de construção de posições.

Objetos corporificados

As metamorfoses que moldaram a população do cosmos criaram também os objetos. O caso específico da origem dos gaviões relaciona-se com a origem de determinadas ferramentas, pois das penas desses exímios caçadores surgiram ferramentas para caçar, as zarabatanas. Esses objetos não foram inventados pelos heróis criadores, pelos Sanumá, ou por outros povos, mas surgiram a partir de uma transfiguração de porções do corpo de uma ave de rapina, conforme relato de um velho xamã:

Antigamente, os gaviões eram Sanumá, mas, um dia, estes começaram a voar e transfiguraram-se (*iximanibiolima*) em gaviões. Quando um deles estava no alto, voando, uma pena caiu, quando chegou ao chão, transformou-se em uma zarabatana. Depois, uma segunda pena caiu e, no chão, transfigurou-se em outra zarabatana. Esses gaviões moram numa serra que se chama *matawaka*. Lá, há materiais para fazer uma zarabatana muito boa, capaz de matar qualquer caça, acertar qualquer alvo. As zarabatanas que vieram das penas que caíram no chão são chamadas *maxiuari* e as que estão no alto da serra são as melhores, denominadas *matawaka sola*. A zarabatana da serra só existe na Venezuela e os yecuanas trazem muitas quando voltam de lá. A outra zarabatana, os Sanumá conseguem fazê-la. Com a zarabatana da serra na Venezuela, os Sanumá matam muitos passarinhos.

Em outros casos de metamorfoses, antigos Sanumá tinham ferramentas tão essenciais a sua sobrevivência e marcantes de seu modo de vida que pareciam fazer parte integrante de suas corporalidades e que foram, realmente, incorporadas aos corpos dos novos seres que originaram. Assim, os artefatos definiam os Sanumá e determinavam as transformações. Por exemplo, havia aqueles que eram exímios coletores de mel e nunca passavam fome, pois possuíam machadinhas especiais para isso. Esses Sanumá metamorfosearam-se



em um tipo de pica-pau (*tesosamõ a* ou *tesamõ a*) muito hábil para coletar mel e abelhas. No relato a seguir veremos como o pica-pau surgiu, de acordo com um xamã:

Um dia, os visitantes chegaram com terçados e machados à aldeia para a festa que ia acontecer. Essas ferramentas eram todas especiais. Os donos da festa não as conheciam, pois os machados que tinham eram feitos de facas quebradas e eram amolados em pedras. Os visitantes diziam que pegavam mel facilmente com esses machados, por isso nunca ficavam com fome. Os donos da festa queriam trocá-los com os visitantes. Os visitantes transformaram-se em pica-paus (*tesamõ a* ou *tesosamõ a*) que conseguem pegar méis e abelhas com seus bicos porque tinham essas ferramentas especiais que deram origem ao bico do pica-pau. Os visitantes deram somente um machado para os donos da festa, não podiam trocar todos, pois, assim, ficariam sem a ferramenta para coletar mel e o pica-pau ficaria sem o bico que atualmente tem.

Ainda com relação à diversidade de pássaros, estes podem diferenciar-se pelo tipo de bico que apresentam: há os de bicos pequenos ou grandes, duros ou moles. A especificidade de cada bico provém do tipo de artefato que o Sanumá originário possuía. Por conseguinte, os Sanumá antigos carregavam consigo ferramentas semelhantes aos machados, facas e terçados que existem hoje e que, no momento da metamorfose, compuseram as novas formas corporais dos seres. Esses Sanumá eram os donos dessas ferramentas e, por isso, transformaram-se em aves com bicos específicos. O relato a seguir, também trata da origem dos terçados e machados no universo Sanumá e da origem de dois pássaros:

Antigamente, os primeiros Sanumá usavam os machados e os terçados para derrubar colmeias nas proximidades das cachoeiras. Naquele tempo, os Sanumá não tinham tecido com o qual os homens fazem as tangas que usam hoje. Eles amarravam o pênis com uma cinta de algodão. Naquela época, eles tinham fome. Um grupo de Sanumá tentava pegar um pouco de mel (*samonamoa putu*), mas não conseguia, não tinha uma ferramenta forte para bater na árvore e pegar o mel. Nesse ínterim, chegaram os visitantes que tinham um terçado diferente, especial, pareciam os terçados que existem hoje. Os Sanumá, vendo os terçados dos visitantes, disseram que queriam um desses. Trata-se de uma réplica dos terçados de hoje. Estavam impressionados e queriam ter aquele facão. Os visitantes mostraram o que a ferramenta era capaz de fazer e os Sanumá usaram-na e acharam muito bom. Os seres auxiliares dos xamãs Sanumá cantavam felizes sobre o facão especial. Eles cantavam para que eles trocassem o facão especial, pois as pessoas ficariam felizes, quebrariam pedras da cachoeira, poderiam pegar mel e tomá-lo. Os anfitriões e os visitantes procuraram a cachoeira perto da qual havia uma colmeia. Estavam todos com muita fome

– homens, mulheres e crianças. Eles procuraram a colmeia até escurecer e não a encontraram. No outro dia, eles a acharam, coletaram o mel com o facão especial e tomaram. Os visitantes que tinham a faca transformaram-se em *suākamaline töpö* (os ancestrais de um tipo de ave), pássaros com bicos fortes como o facão especial que tinham. Os outros Sanumá, que não tinham uma ferramenta forte, poderosa, transformaram-se em *tesonöline töpö* (os ancestrais do beija-flor), cujo bico delicado não é capaz de furar uma pedra. Os Sanumá conseguiram o facão trocando-o por outra coisa. Não foi *Omanö* que ensinou a fazer o terçado ou o machado, mas foram os Sanumá que os trocaram com outros.

Os processos de transfigurações parecem ser infinitos e são motivados pelas mais variadas peculiaridades do corpo ou de suas expressões. Nesse movimento transformacional, objetos são vistos como partes do corpo, o que reflete na ideia de corporalidade dos Sanumá. Na cerimônia funerária Sanumá, o morto deve ser destruído para ser esquecido e se transformar, definitivamente, em outro. Nesse processo, tudo que compõe a corporalidade sofre o processo de olvido, assim, os objetos do morto ou a casa feita por ele devem ser destruídos. A roça onde ele trabalhou também remete a sua corporalidade e, frequentemente, é possível escutá-lo ou ver suas manifestações no local. O corpo Sanumá é estendido àquilo que foi elaborado por ele, que contribuiu no processo de sua formação, não como pessoa genérica, mas de um sujeito específico. Tudo o que está relacionado à pessoa especifica-se, incorpora-se nela. Nesse sentido, os objetos são constituintes da pessoa, suas extensões, e originam formas de subjetivar singularidades e construir relações. Conseqüentemente, enquanto extensões de corporalidades, os objetos ajudam a precisar conceitos de alteridade e identidade. Fizeram parte dos Sanumá que se transformaram em animais com peculiaridades corporais, resultantes do uso desses objetos. Cabe ressaltar que tal processo de metamorfose não implica em uma alteração radical em outro sujeito, mas algo ainda permanece naquilo em que se transformou. Além disso, os seres e objetos no cosmos Sanumá são sujeitos em potência que, a qualquer momento, podem colocar-se em posições intercambiáveis. Portanto, seguindo a lógica transformacional da sociocosmologia Sanumá, os donos de objetos surgiram de metamorfoses Sanumá e transformaram-se em novas criaturas. Seus objetos, ao mesmo tempo elementos externos e componentes dos seus corpos, assumiram as novas formas corporais que surgiram com as metamorfoses.

Além de estarem incluídos nas metamorfoses que originaram novos seres, os objetos, quando trocados, também permitiram a diversificação de seres e coisas no cosmos Sanumá.



Objetos trocados

As trocas pacíficas, especialmente de objetos, são um caso particular na cosmologia Sanumá. Intercâmbios firmados com outros grupos indígenas introduziram importantes objetos em seu universo, especialmente os manufaturados dos brancos. A importância de outro com quem se possa trocar está na origem de alguns objetos, como veremos adiante. Os objetos materiais relacionados aos brancos, especialmente os facões e os machados de ferro, que os precederam no território Sanumá, não são associados diretamente àqueles, mas vieram das trocas, pois, de acordo com os Sanumá, nem mesmo os brancos eram capazes de fazê-los. Os primeiros terçados ou os ancestrais dos terçados de metal que existem hoje circulavam entre os Sanumá antes da chegada dos brancos.

Ao contrário de outros grupos indígenas, por exemplo, os Timbira (DAMATTA, 1970), que associam claramente os bens manufaturados aos brancos e assinalam o momento quando os povos tiveram que fazer uma escolha entre o arco e flecha e a espingarda, os Sanumá enfatizam as trocas em si, mantidas entre grupos, como a origem de bens diversos. Assim, os bens manufaturados dos brancos, e outros objetos, surgiram ou vieram da troca. É como se esses objetos tivessem se inserido em uma rede sem fim de trocas e, nesse circuito, tivessem perdido a memória de como e quando foram feitos. Ao mesmo tempo que as trocas contínuas anulam o evento que originou os bens, marcam um povo, definem grupos onde se sabe que há determinados objetos que acabarão fazendo parte de suas novas corporalidades, caso sofram metamorfoses. Nesse sentido, por exemplo, determinado tipo de terçado, útil na coleta de mel, era de domínio de antigos que se transformaram em pica-pau e trocaram com outros seres. Cabe enfatizar que a origem dos bens está nas próprias trocas com os outros. Kopytoff (1988), ao tratar da biografia cultural das coisas, enfatiza que há analogias na maneira como uma sociedade concebe os seres e as coisas. Se observarmos a biografia dos objetos e dos seres no universo Sanumá, perceberemos que eles tiveram uma mesma origem, da matéria primeira, dos Sanumá feitos pelo herói criador *Soawö*. Essa matéria se metamorfoseou tantas vezes, inserida em um processo sem-fim, que o movimento transformacional passou a ser o fator determinante na história da construção de seres e das coisas. Por exemplo, sabemos que as zarabatanas, obtidas por meio de trocas com os yecuanas, surgiram das penas do gavião, que surgiu de um Sanumá, que surgiu de outro e assim por diante. Desse modo, alguns objetos circulam tanto, outros participam nas transfigurações das pessoas que os detêm, outros, ainda, são metamorfoses de metamorfoses,

enfim, todos estão inseridos num movimento transformacional ou de troca, que acabam por perder a história exata ou ortodoxa de toda essa dinâmica.

Com relação aos bens associados aos brancos, cabe aqui a ressalva de que sempre pensar sobre os brancos requer pensar sobre a diversidade de bens materiais que trazem para a terra dos Sanumá, especialmente, porque são ávidos por realizar trocas. As mercadorias dos brancos passaram por uma (re) absorção no campo linguístico Sanumá, por meio da transformação de uma palavra já existente no vocabulário, que passou a significar mercadoria. Esses bens materiais foram denominados *wani de*, que designa, também, os pertences, as coisas de uma pessoa. Além disso, a palavra *wani* pode ser a raiz de um verbo que significa inutilizar, ou destruir, pode ser um advérbio que designa mal, ruim, ou pode ser um adjetivo que significa mau, ruim. Acompanhado da partícula *de* significa os pertences de uma pessoa. Ramos (1995) chamou a atenção para o paradoxo da *wani de*, seu caráter indesejado e absolutamente indispensável.

De acordo com um velho xamã, os antigos Sanumá não tinham e não queriam ter muitos pertences, mas, atualmente, eles anseiam pelos bens dos brancos. O relato a seguir trata dessa diferença entre os antigos Sanumá e os de hoje:

Antigamente, os Sanumá não tinham miçangas (*mazulu*), não as usavam como braceletes, tornozeleiras e colares, mas usavam linhas de algodão (*xinanuku*) nesses ornamentos. *Xinanuku tali* são as linhas de algodão amarradas no braço, acima do joelho e no tornozelo. *Xida* é o cinturão de algodão que o homem usava. *Xidakeke* é o equivalente feminino. *Pösökeke* ou *xinanauku pöse* é a tanga de algodão usada pelas mulheres. Os homens e as mulheres não usavam tangas de tecidos, mas usavam cintos ou tangas feitas de algodão. Os antepassados não tinham nada, não tinham *wani de*. Eles só caçavam animais, coletavam lagartas, formigas e mel. As casas eram feitas na floresta, como os atuais tapiris. Eles não tinham roças. Quando os antepassados achavam um tatu, acendiam fogo com a lenha *poloi* e o punham no buraco onde se escondia o animal para asfixiá-lo com a fumaça. Não tinham fósforo ou isqueiro. Faziam o tatu na folha porque não tinham painéis. Não tinham terçados, só pedras afiadas. Ficavam com fome porque não tinham roças. Os antepassados não queriam coisas, não queriam mercadorias, não queriam nada. Os antigos não queriam ter muitas coisas. Eles só queriam e tinham os arcos e as flechas, as redes de casca de árvore. Contudo, hoje, os Sanumá têm várias coisas que eles não querem perder.

Os pertences de uma pessoa revelam-se na sua morte. Antes disso, eles estavam em circulação, ou melhor, a qualquer momento poderiam ser trocados. Os Sanumá não guardam, não acumulam, mas trocam. Quando algum Sanumá pretende acumular, seus pertences são rapidamente furtados. No entanto, com

a morte da pessoa, os bens que estavam com ela também morrem, não podem ser tomados, não são de seus parentes. Agora, eles são um problema, lembram o morto e, assim, devem ser obrigatoriamente destruídos.

Bruce Albert (2002, p. 253-254) observou que no caso dos yanomaes o termo *matihpê*, que significa tradicionalmente os ornamentos de plumas e ossos dos mortos ou cabaças contendo as cinzas dos mortos, hoje denota objetos dos brancos. Esses bens devem ser, necessariamente, destruídos durante o funeral. Isso também deve acontecer na cerimônia funerária Sanumá, ocasião em que destruir os pertences do morto significa pôr fim a tudo o que o morto tocou ou manipulou. Os objetos do morto estão contaminados por ele, o que traz lembranças e, por isso, faz mal aos Sanumá. Utilizá-los significa manter um vínculo com o morto, uma ligação com uma criatura que passa a ser uma alteridade radical.

Alguns dias após o falecimento de um rapaz vi o seu irmão usar a espingarda dele, o que fez com que ele se manifestasse por meio de um pássaro que cantou nas proximidades da aldeia, demonstrando sua raiva. Não foi uma coincidência para os Sanumá esse pássaro ter transmitido um canto de protesto minutos depois que o irmão do morto pegou a espingarda e correu com outros homens em busca de um bando de queixadas que estavam em roças próximas. O morto não gostou de ver seu antigo objeto na mão do irmão, pois a arma ainda guarda suas marcas, sinais de seu corpo. A atitude do irmão chamou a atenção do morto que, enfurecido, podia desferir ataques contra os Sanumá. Essa situação mostra por que não se deve guardar as coisas de alguém que já morreu, mesmo bens valiosos e desejados como espingardas. Os objetos compõem a corporalidade em um processo de subjetivação.

Ainda assim, com as implicações de, momentaneamente, terem as marcas dos brancos, o que pode, em alguns casos ser letal, os Sanumá querem as coisas dos brancos e incluí-las nas suas redes de troca. Ao dispor esses objetos no circuito de troca, os Sanumá catalisam o processo de transformação desses objetos e de outros seres. Quando trocados, os objetos entram no movimento transformacional do cosmos Sanumá.

Por meio desse movimento, passou-se à diferenciação total no cosmos. Os seres tornaram-se vários e diversos e surgiu a classificação. Enfim, o contínuo processo de transfiguração diversifica os seres, os objetos e os próprios Sanumá, aprimorando as condições de ser ou as fixações momentâneas de formas. Na sociocsmologia Sanumá, processos de classificação e de diversificação acontecem, impossibilitando tanto uma configuração cósmica amorfa quanto uma realidade ôntica indiferenciada.

Referências

- ALBERT, B. O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza (Yanomami). In: ALBERT, B.; RAMOS, A. (Org.). **Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico**. São Paulo: Unesp, 2002.
- ARHEM, K. Ecosofia makuna. In: CORREA, F. (Org.). **La Selva Humanizada: ecología alternativa em el trópico húmedo colombiano**. Bogotá: Fondo de Editorial Cepec, 1990.
- CAYÓN, L. En búsqueda del orden cósmico: sobre el modelo de manejo ecológico tukano oriental del Vaupés. **Revista Colombiana de Antropología**, v. 37, p. 234-267, enero-diciembre, 2001.
- ARVELO-JIMÉNEZ, N. **Relaciones políticas en una sociedad tribal: estudio de los ye'cuana, indígenas del amazonas venezolano**. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1974.
- BARANDIARAN, D. Shamanismo yekuana o makiritare. **Antropológica**, nº 11, 1962.
- COLCHESTER, M. The Cosmivision of the Sanema. **Antropológica**, nº 58, 1982.
- DAMATTA, R. Mito e Antimito entre os Timbira. In: LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Linguagem Social**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- GALLOIS, D. **O movimento na cosmologia Waiãpi: criação, expansão e transformação do universo**. 1988. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- GONÇALVES, M. A. **O mundo inacabado: ação e criação em uma cosmologia amazônica**. Etnografia pirahã. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- GUIMARÃES, S. M. F. **Cosmologia Sanumá: o xamã e a constituição do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – DAN, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- KOPYTOFF, I. The cultural biography of things: commoditization as process. In: APPADURAI, A. **The social life of things: commodities in cultural perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.



LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MIGLIAZZA, E. Grupos lingüísticos do território federal de Roraima. **Atas do simpósio sobre a biota Amazônia**, Antropologia, v. 2, 1967.

RAMOS, A. **A profecia de um boato**. Brasília: UNB-DAN, 1995. (Série Antropológica, nº 188).

TAYLOR, K. **Sanuma Fauna**: prohibitions and classifications. Caracas: Fundación La Salle de Ciências Naturales, 1974. (Monografia 18)

TAYLOR, K. **Sanuma (Yanoama) food prohibitions**: the multiple classification of society and fauna. 1972. Tese (Doutorado) – University of Wisconsin, Madison, 1972.

VIVEIROS DE CASTRO, E. B. **A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Sobre os autores

Alexandro Machado Namem

Antropólogo e Professor Adjunto de Antropologia na Universidade Federal de Roraima (UFRR) (e-mail: alexandronamem@hotmail.com). Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelas bolsas de estudo concedidas de 1998 a 2001, durante curso de doutorado não concluído na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); aos colegas do Departamento de Ciências Sociais da UFRR, pelas sucessivas liberações de 2002 a 2007, para a realização de trabalhos de campo entre os Laklânô; aos colegas Gustavo Lins Ribeiro (Universidade de Brasília-UnB), Marco Antonio Lazarin (Universidade Federal de Goiás-UFG) e Antonio Carlos de Souza Lima (Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro-MN/UFRJ), pelos diálogos e apoios ao longo de muitos anos; aos colegas do doutorado Sidnei Peres (Universidade Federal Fluminense-UFF), da Unicamp, e Marcela S. Coelho de Souza (UnB), em disciplinas no Museu Nacional; aos amigos e/ou colegas que leram versões anteriores deste texto, inclusive pelas sugestões nem sempre incorporadas; ao amigo Sávio L. Sens (Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUC/PR), pela convivência nesses 10 anos em que nos conhecemos e pelos apoios nas horas em que mais precisei; à Onadir e ao Gerson Dietrich, bem como à família Davi Vinci, em Ibirama (SC), pela amizade e por tudo que fizeram por mim; e ao Rodrigo Paranhos Faleiro (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-Ibama), Cristhian Teófilo da Silva (UnB) e Stephen G. Baines (UnB), por publicarem este texto. Ao último, também, pela amizade e pelos diálogos e apoios ao longo de muitos anos; dedico este texto à Vanessa Lea (Unicamp), à Lana Araújo, ao Rafael José de Menezes Bastos (Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC), à minha avó materna Maria Lúcia da Silva Machado (in memoriam), às minhas mães Laklânô Iocô Uvânhecû e Aneglon Ndili, e aos meus netos Lucca Giacomazzi Picon e Sara Feijó.

Claudia López Garcés

Antropóloga, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG); professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (PPGCS/UFPA). clapez@museu-goeldi.br

O artigo está baseado na pesquisa entre os Ticuna da trifronteira Brasil/Colômbia/Peru para o Doutorado em Antropologia pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre América Latina e o Caribe (CEPPAC), da Universidade de Brasília (UnB) (2000),

e numa pesquisa entre os Galibi do Oiapoque, na fronteira Brasil/Guiana Francesa, efetuada entre os anos 2001-2002. Agradeço à Capes pela bolsa de doutorado e ao CNPq pela bolsa para efetuar a pesquisa na fronteira Brasil/Guiana.

Cláudia Tereza Signori Franco

Possui Graduação e Pós-Graduação em Antropologia Social pelas Universidades de Brasília (UnB) e Católica de Brasília (UCB); Especialização em Gestão Ambiental e Ordenamento Territorial pela UnB e Mestrado (bolsista Capes) em Planejamento e Gestão Ambiental pela UCB. Atua como coordenadora de projetos do Instituto Etno Ambiental e Multicultural Aldeia Verde - IEMAV, onde realiza a implementação e o monitoramento de projetos de desenvolvimento junto aos povos indígenas e comunidades tradicionais. Tem experiência na área de Antropologia Social, com ênfase em política indigenista, atuando principalmente nos seguintes temas: Planejamento e gestão ambiental em terras indígenas (TIs), Levantamento de Impactos Socioambientais em TIs, Levantamento Demográfico e Fundiário em TIs, Antropologia & Meio Ambiente, Organização Social Indígena e Sistema de Monitoramento e Avaliação de Projetos de Etnodesenvolvimento.

Cloude de Souza Correia

Possui doutorado em Antropologia pelo PPGAS/UnB, concentrando-se nas áreas de Antropologia Ecológica, Sociedades Complexas, Relações Interétnicas e Cartografia Social. Atua principalmente com os seguintes temas: povos indígenas, mapeamentos participativos, unidades de conservação, conflitos socioambientais, gestão territorial e processos fundiários. Nos últimos anos, prestou diversas consultorias para organizações não governamentais e órgãos dos governos Federal e Estadual com o propósito de contribuir com a consolidação de processos de regularização fundiária de terras indígenas e de ações de gestão territorial junto a povos indígenas da Amazônia. Em atividades de docência esteve vinculado ao curso de Comunicação das Faculdades Integradas ICESP por quatro anos. Atualmente, é coordenador de projetos do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), atuando junto a povos indígenas situados em estados da Amazônia brasileira: Rondônia, Amazonas, Acre e Pará. Como coordenador organiza cursos e seminários relacionados com a temática da gestão territorial indígena e do fortalecimento institucional de associações indígenas. Relações Interétnicas; Antropologia Ecológica; Sociedade e Meio Ambiente e Antropologia Política.

Cristhian Teófilo da Silva

Graduado, Mestre e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), onde é Professor no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC). Atualmente, realiza pesquisas comparadas sobre movimentos indígenas,

políticas indigenistas e indigenismo no Brasil e no Canadá, com ênfase nas relações entre maiorias nacionais e minorias étnicas. silvact@unb.br

David Ivan Rezende Fleischer

Trabalha para a Fundação Interamericana (IAF) como representante para o Brasil e o Uruguai. Foi Diretor Executivo da Associação de Estudos Brasileiros (Brasa) e Coordenador do Instituto Lemann de Estudos Brasileiros na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign. Trabalhou no Programa- Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil (PPG-7), no Programa de Pequenos Projetos (PPP) e outros projetos do Fundo Mundial de Meio Ambiente (GEF) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). É doutor em Antropologia pela University at Albany (SUNY-Albany) e mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). David lecionou Antropologia em universidades americanas e desenvolveu pesquisas sobre a relação de projetos de conservação ambiental com projetos de desenvolvimento comunitário de ecoturismo. Atualmente, na IAF, coordena projetos de desenvolvimento de base no Brasil e no Uruguai.

Gersem José Santos Luciano dados

É índio Baniwa, graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (1995) e mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2006). Foi membro do Conselho Nacional de Educação no período de 2006 a 2008. Atualmente é doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília, Coordenador-Geral de Educação Escolar Indígena do Ministério da Educação e Diretor Presidente do Centro Indígena de Estudos e Pesquisas (Cinep). Tem experiência na área de Educação, Gestão de Projetos e Desenvolvimento Institucional com ênfase em Política Educacional, atuando principalmente nos seguintes temas: educação indígena, política indigenista, movimento indígena, desenvolvimento sustentável e povos indígenas.

Isis Maria Cunha Lustosa

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/IESA/UFG. Mestre em Geografia/IESA/UFG. Especialista em Turismo e Meio Ambiente/UECE. Membro do Grupo de Pesquisa Geografia Cultural: Território e Identidade/IESA/UFG. Colaboradora no projeto As Identidades Sociais e suas Formas de Representações Subjacentes nas Práticas Culturais/IESA/UFG, e no projeto A Dimensão Territorial das Festas Populares e do Turismo: Estudo Comparativo do Patrimônio Imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe, pela UFG/UFS/UFC. Técnica Especializada em Programa de Cooperação Internacional/MMA/PDA.

Jaime Garcia Siqueira

Doutor em Antropologia Social pela UnB com mestrado também em Antropologia Social pela USP. É professor adjunto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA),

coordenador de projetos do Centro de Trabalho Indigenista (CTI) e atualmente trabalha como coordenador-geral substituto da Coordenação-Geral de Gestão Ambiental da Funai (CGGAM). Este artigo é baseado em sua tese de doutorado (2007) e seus principais temas de interesse são as configurações contemporâneas dos movimentos indígenas no Brasil, como eles têm lidado com a questão ambiental e o papel do antropólogo diante desses movimentos e das políticas de Estado.

Josué Tomasini Castro

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB); bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Desde 2005 trabalha junto às comunidades Herero na Namíbia. Principais publicações: *Vá e conte ao seu povo: interpretações e mediações no trabalho antropológico*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Antropologia, v. 3: p. 79-91, 2008; *Sincretismo e Resistência: o caso africano da igreja Oruuano*. Campos (UFPR), v. 9, p. 131-157, 2008; *What's your Nation? Nationalist Itineraries in Namibian History*. Vibrant (Online), v. 5, p. 128-146, 2008.

Katianne de Sousa Almeida

(e-mail:ksantropologia@gmail.com) Mestranda em Antropologia Social da Universidade Federal em Goiás. Especialista em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás em 2009. Possui graduação em Antropologia (bacharelado), 2006, e Ciências Sociais (licenciatura), 2005, pela Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Arte Indígena, Patrimônio e Museologia, Revitalização Urbana, Urbanismo, Gênero, Sexualidade e Mídia. Atualmente trabalha como Analista Legislativa na Comissão de Saúde e Promoção Social da Assembleia Legislativa do Estado de Goiás. Atua principalmente nos seguintes temas: Direitos Humanos, Políticas de Saúde para Mulheres, Assessoramento Temático às demandas do Legislativo Goiano.

Leonardo Schiocchet

Ph.D. em Antropologia Social, Boston University (depois de 1º de maio de 2010). Junior Visiting Fellow do Institut für die Wissenschaften vom Menschen, Viena (IWM) (até 30 de junho de 2010).

Luis Cayón

Antropólogo pela Universidad de Los Andes, Bogotá, Colômbia, (1998), Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2005) e Doutorando em Antropologia Social pela mesma instituição. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É autor do livro *En las aguas de yuruparí. Cosmología y chamanismo Makuna* (2002) e coautor do livro *Etnografía Makuna. Tradiciones, relatos y saberes de la Gente de Agua* (2004). É autor de vários

artigos em capítulos de livros e periódicos nacionais e internacionais, principalmente na área de Etnologia Indígena.

Luís Guilherme Resende de Assis

Doutorando em Antropologia Social; bolsista CNPq. Artigo baseado na monografia de graduação (Resende de Assis, 2004) e no artigo de seleção de mestrado da UnB escrito em 2004. Atualmente, desenvolve pesquisa na Antártida junto a cientistas, militares e alpinistas.

Maria Inês Smiljanic

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília e professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná. Desenvolve pesquisa entre os yanomães do Alto Toototobi e entre os Yanomami de Maturacá. Coordena a equipe associada do PPGAS-UFPR no Projeto de Cooperação Acadêmica: Etnologia Indígena e Indigenismo – novos desafios teóricos e empíricos, financiado pela Capes.

Maxim Repetto

Bacharel em Humanidades com menção em História - Universidade do Chile (1994), Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1997) e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2002). Atualmente é professor Adjunto III na Universidade Federal de Roraima/UFRR, atuando como professor no Curso de Licenciatura Intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena. Realiza Pós-Doutorado no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS, DF- México), com Bolsa Capes/MEC/Brasil (2009-2010). Tem experiência na área de Antropologia Política, Antropologia da Educação, Políticas Indigenistas e Indígenas, Movimentos e Organizações Indígenas, Etnologia Indígena e Povos Indígenas em Roraima, educação escolar indígena, com ênfase na Formação de Professores Indígenas, plano de manejo ambiental e etnomapeamento de terra indígena e assessoria em projetos sociais a organizações indígenas.

Rodrigo Pádua Rodrigues Chaves

Possui graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (1997) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2004). Possui 14 anos de experiência na área de Antropologia Social, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: identificação de terras indígenas, prática antropológica, política indigenista, estudos etnoecológicos de terras indígenas e turismo étnico.

e-mail: rodrigo.chaves73@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2730318839586069>

Rodrigo Paranhos Faleiro

Cursa Doutorado no Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da UnB, onde pesquisa grupos indígenas que vivem em áreas protegidas nas fronteiras da Amazônia. Recebeu o título de Mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (2005), com a dissertação *Unidade de Conservação versus Terra Indígena, um Estado em conflito: estudo da influência da pessoa na gestão pública*. Cursou especialização e aperfeiçoamento na Unicamp/Nepam, monografia *Viabilidade do Ecoturismo no Parque Nacional Chapada dos Veadeiros* (1999); Unicamp/Nepo, *Vetores de Desenvolvimento da Região Norte* (1998); Cesape, *Jalapão: a última fronteira* (1990); Usaid/IIEB, *Proposta de um procedimento para a criação de unidades de conservação*, entre outros cursos. Possui seis capítulos publicados em livros (dois outros em fase de publicação no México e nos Estados Unidos), duas dezenas de trabalhos acadêmicos apresentados e publicados em Anais de eventos nacionais e internacionais, e vários outros trabalhos técnicos na área de meio ambiente, populações tradicionais e povos indígenas. Atualmente, está organizando um livro sobre Ecoturismo em Áreas Protegidas com o professor Paul E. Little (UnB) e David Ivan R. Fleischer (Suny), com o qual coordenou três discussões sobre o tema na Reunião de Antropologia Equatorial em Sergipe (2007), Encontro da Associação Americana de Antropologia em San Francisco (2008) e, em junho, no Congresso Internacional de Americanistas no México (2009). Além dessas atividades, trabalhou no Projeto Catalisando as contribuições das Terras Indígenas para a conservação dos ecossistemas florestais brasileiros, na Cooperação Brasil/França em Áreas Protegidas, no Plano de Administração da Área sob Dupla Afetação pelo Parque Nacional Monte Roraima e a Terra Indígena Raposa Serra do Sol, no Programa de Áreas Protegidas da Amazônia, no Projeto de Conservação do Cerrado no Jalapão, entre outros.

Santiago Plata Rodríguez

Profissional independente do setor de Artes Interpretativas.

Sílvia Guimarães

Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília, professora adjunta do Curso de Saúde Coletiva, Campus Ceilândia/Universidade de Brasília. Atua na área de Etnologia Indígena, especialmente nas discussões sobre corporalidade e xamanismo. Este trabalho está baseado em pesquisa de campo realizada entre os Sanumá-Yanomami.

Stephen Grant Baines

Professor Associado do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), Pesquisador 1A do CNPq. Graduado (BA Hons. em Árabe e Sociologia da Religião), University of Leeds, Inglaterra (1971), M.Phil. em Antropologia Social pela University of Cambridge, Inglaterra (1980), e Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1988) e Pós-Doutorado (UBC, Canadá; e ANU, Austrália, 2009-2010). É brasileiro naturalizado. Tese de doutorado: *É a Funai que Sabe: A*

Frente de Atração Waimiri Atroari, publicada em forma de livro, em 1991, pelo Museu Paraense Emílio Goeldi/CNPq. Possui diversas publicações em periódicos nacionais e internacionais na área de Etnologia Indígena, Identidade e Relações Interétnicas, Antropologia Política, Povos Indígenas e os Impactos de Grandes Projetos de Desenvolvimento Regional, e Etnicidade e Nacionalidade em Fronteiras. Projeto de Pesquisa atual: Etnologia Indígena Comparada: Brasil – Austrália – Canadá (com pesquisas etnológicas com povos indígenas), pesquisa junto aos povos makuxis e wapichanas sobre etnicidade e nacionalidade na fronteira Brasil/Guiana desde 2000; e acompanhamento da situação dos Tremembé do litoral do Ceará desde 2000. Desde janeiro de 2008 atua sobre a situação de indígenas no sistema penitenciário de Boa Vista/Roraima. Coordenador fundador do Geri em 1997.

Thaís Teixeira de Siqueira

Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Brasília (2006/2010). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás (2002) e mestrado em Antropologia pela Universidade de Brasília (2006). Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Comunidades Quilombolas e Cultura Popular, atuando principalmente nos seguintes temas: patrimônio imaterial, INRC (Inventário nacional de referências culturais), turismo cultural, festa, memória, musicalidade, folias, racialidade e pós-colonialidade.

Thiago Ávila (*in memoriam*)

Possuo graduação em Antropologia pela Universidade de Brasília (2001) e mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2004). Atualmente sou antropólogo consultor da ACT Brasil (Equipe de Conservação da Amazonia). Minhas experiências profissionais são na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente nos seguintes temas: política interétnica, povos indígenas, biopirataria, conhecimento tradicional associado a recursos genéticos, krahô e indigenismo. Atuei como assessor de organizações indígenas, organizações não-governamentais indigenistas e órgãos governamentais.

Sobre o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas

O Geri é um grupo de estudos dedicado ao estudo amplo das relações interétnicas. Nosso propósito é a produção e divulgação do conhecimento produzido por estudantes, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas e campos de atuação.

O Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri) foi formado em 1997 por estudantes e pesquisadores de graduação e pós-graduação do Departamento de Antropologia (DAN) e do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC), da Universidade de Brasília (UnB), tendo como Coordenador o Prof. Dr.

Stephen Grant Baines e a colaboração de Maxim Repetto, na época, mestrando em Antropologia.

Desde sua criação buscamos abrir um espaço crítico de diálogo acerca de temas referentes às relações interétnicas em termos abrangentes, sendo estimulada a divulgação de trabalhos em nosso Boletim e a participação em nosso programa de seminários.

Vários projetos de pesquisa foram iniciados e realizados a partir das discussões do Geri, o que viabilizou a elaboração de monografias de graduação e pós-graduação, artigos e a organização de grupos de trabalho em congressos científicos. Parte desses resultados podem ser acessados através do Boletim Anual do Geri disponível em nossa página.

Venha conhecer o Grupo de Estudos em Relações Interétnicas (Geri). Apresente seus trabalhos e publique seus textos na Interétnica – Revista de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas.

<http://e-groups.unb.br/ics/dan/geri/index.php?page=0>

O IEB

O Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) é uma associação civil brasileira sem fins lucrativos, voltada para a capacitação e formação de pessoas ligadas à conservação ambiental, tendo como eixos a capacitação técnica, institucional e política.

Criada em 1998 e sediada em Brasília-DF, a entidade se destaca por uma atuação que considera e estabelece pontes entre a conservação dos recursos naturais e as dimensões econômicas, sociais e culturais da sustentabilidade, buscando fortalecer as comunidades locais.

Promovendo autonomia na gestão dos seus territórios e dos recursos naturais com participação, diálogo permanente, valorização das diferenças e incentivo à atuação das populações locais, o IEB desenvolveu uma reconhecida *expertise* em processos de articulação entre setores que, historicamente, têm tido dificuldade de aproximação e diálogo.

Os programas e projetos da instituição atendem indivíduos que atuam com a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável, em suas diversas interfaces, com foco no bioma amazônico. Desse público destacam-se: comunidades extrativistas, assentados, populações indígenas, profissionais e estudantes da área ambiental.

Missão

Capacitar, incentivar a formação, gerar e disseminar conhecimentos e fortalecer a articulação de atores sociais para construir uma sociedade sustentável.

